

# MNEMOSYNE INFOR-COMUNICATIVA: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a Ciência da Informação

Luiz Eduardo Ferreira da Silva\*  
Bernardina Juvenal Freire de Oliveira\*\*

## RESUMO

O presente artigo tem por finalidade contextualizar o conceito de memória no universo da Ciência da Informação, uma vez que essa polissemia conceitual é marcada por variações que pervadem as trincheiras da sociedade. Desse modo, objetivamos apontar axiomaticamente um conceito de memória para a Ciência da Informação. Por meio de uma investigação teórica e de cunho bibliográfico, buscamos clarificar a possibilidade de um axioma nas entrelinhas da Ciência da Informação. Por conseguinte, a memória na Ciência da Informação poderá ser dissociada de uma interligação com a evocação da memória histórica (espaço e tempo), porque a memória da Ciência da Informação é revitalizada pelos *traços informacionais* através de uma *memória potencial produzida*, que se estrutura mnemonicamente nos contornos da sociedade através da bifurcação com organização, acesso e uso da informação e, posteriormente, no processo de representação e recuperação da informação.

**Palavras-chave:** Axioma. Conceito. Ciência da Informação. Memória Potencial Produzida.

\* Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Professor da Universidade Federal do Pará, Brasil.  
E-mail: fabib@ufpa.br.

\*\* Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.  
E-mail: bernardinafreire@gmail.com.

## I INTRODUÇÃO

Esse ensaio adentra um pantanal epistemológico e polissêmico muito complexo na contemporaneidade, ou seja, refletir as variações conceituais do termo memória nas ciências humanas e sociais aplicadas. Nesse sentido, a memória está diretamente circunscrita em uma textura social, através dos indivíduos ou grupos.

Dessa maneira, a memória é enraizada a uma retórica de profundo questionamento acerca daquilo que podemos “revitalizar ou lembrar”. A memória se configura em uma retrospectiva aproximativa entre o horizonte das representações relativas aos contornos dos atos de memória na conjuntura social.

Tal como concebemos, a memória sempre é evocada a uma temporalidade

histórica (duração), ou seja, em uma pertinência representativa do passado. Por outro lado, a memória da Ciência da Informação poderá ter sua construção através da projeção de seus próprios conceitos como a organização, acesso e uso da informação em diferente contexto.

Destarte, a memória da Ciência da Informação não é uma memória que tenta evocar historicamente o passado ou reificá-lo em sua totalidade existencial, “a memória compreendida sob a dimensão cultural pode abarcar fronteiras de outras disciplinas que têm o passado como material de estudo, como a História, a Arqueologia, a Ciência da Informação”. (DODEBEL, 2010, p.14). De todo modo, discordamos dessa afirmação, pois o material de estudo do cientista da informação não é o passado em si, mas a ligação que o

cientista da informação manterá com o passado é uma relação de dialogicidade e sociabilidade que será transposta em uma representatividade informacional permeada por uma informação potencial, onde o cientista da informação não tem por formação interpretar o passado com um olhar crítico peculiar dos historiadores, porém sua atividade é mensurar uma potencialidade informacional a esse passado.

A memória na Ciência da Informação traz em sua entrelinha “os traços informacionais” através da organização da matéria no processo de representação<sup>1</sup> da informação, possibilitando uma eficácia no processo de recuperação da informação, ou seja, um limiar *infor-comunicativo*<sup>2</sup> que permite a evocação de uma “informação revitalizada” na medida em que atende a sua principal função que é a de recuperar para informar. Por outro lado, a memória que interessa diretamente ao historiador é uma “memória avaliativa” que busca interpretar e questionar as reminiscências de um passado de forma individual ou coletiva em diferentes cronologias. Para Dosse (2001, 33), “a referência à memória tornou-se hoje onipresente: o tempo-memória, os anos memórias”. Logo, contextualizar esses preceitos do memorável na sociedade atual se tornou primordial.

Por conseguinte, a memória na Ciência da Informação é uma memória potencializada na medida em que estiver marcada por uma organicidade através dos *traços e dos rastros informacionais*, pois ela possibilita o acesso e o fluxo informacional independente de uma linha tênue com a temporalidade espacial da história (duração) cronológica. A memória na Ciência da Informação traz uma peculiaridade que está relacionada a uma individualidade ou a uma coletividade de indivíduos, famílias ou grupos, pois essa memória tem por característica o “tear informacional” que se traduz em uma informação potencial na busca de uma aporia estimativa que se constitui não como uma recordação da memória materializada em sua totalidade, sem um sentido espe-

cífico, porém decifra um caráter singular que é a representância do ato informacional se considerarmos as analogias evocativas das operações mnemônicas *infor-comunicativas* no panorama da atual Ciência da Informação.

## 2 A MEMÓRIA BALIZADA PELA HISTÓRIA: uma narrativa avaliativa, interpretativa e reflexiva

Se existe um tempo social cujas divisões assim se impõem às consciências individuais, de onde ele se origina? Alguém já disse que havia bons motivos para distinguir **o tempo ou a duração** em si e suas divisões. Mas precisamente, todo ser dotado de consciência teria a sensação da duração, pois nele se sucedem estados diferentes. A duração nada mais seria do que a sequência desses estados, a corrente que parece passar através deles, sob eles, despertando um após outro. (HALBWACHS, 2006, p. 115, grifo nosso)

Nos traços da humanidade o conceito de memória está indissolúvelmente interligado à sociedade de forma individual ou coletiva (grupo), conjugando e nutrindo uma relação existencial sobre si, sobre outro e sobre nós, em uma realidade de alteridade e significado que se estrutura em nossos *habitus*<sup>3</sup> configurados no cotidiano.

Desse modo, a aporia do conceito de memória e sua relação com a história trazem uma concepção problemática na sua essência, pois há uma ocorrência conflitante nesses preceitos evocativos da memória, colocando uma retrospectiva apriorística de entendimento e aceitação, mais precisamente na própria definição do termo memória no campo das ciências humanas e sociais.

Destarte, a memória vem acompanhada dos rastros de uma representação fenomenológica que marcou o sujeito em sua relação com o tempo. De todo modo, a memória que a história defende se torna uma operação historiográfica avaliativa, interpretativa e reflexiva, ou seja, a memória sob o

<sup>1</sup> Para Cassirer (1977, p. 31) O conhecimento inclui e pressupõe a representação. A representação de um objeto é um ato muito diferente de seu simples manuseio. (...) Para representarmos alguma coisa não basta manipulá-la corretamente e utilizá-la com finalidades práticas. Precisamos ter uma concepção geral do objeto e considerá-lo de ângulos diferentes, a fim de descobrir-lhe as relações com outros objetos; e localizá-lo determinando sua posição em um sistema geral.

<sup>2</sup> O termo *infor-comunicativo* está relacionado à base teórica da Ciência da Informação, mais especificamente nas variações dos processos informacionais e comunicativos no contexto basilar da área.

<sup>3</sup> Um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as *experiências passadas*, funcionam a cada momento como uma *matriz de percepções*, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas. (BOURDIEU, 1983, p. 65).

olhar do historiador tem uma congruência que se expressa nas dimensões do tempo, pois a estrutura espacial e temporal precedente emerge nas articulações da condição histórica.

O processo de historicização da memória, versado em benefício de uma fenomenologia hermenêutica da memória, mostra-se, assim, estreitamente simétrico ao processo pelo qual a história exerce sua função corretiva de verdade em relação a uma memória que exerce incessantemente, a seu respeito, sua função matriarcal. (RICOUER, 2007, p. 403).

De igual modo, a memória histórica nos induz a uma compreensão mnemônica extraída de uma relação com o tempo histórico, logo, estabelece uma percepção das intempéries temporais. Para Bergson (1999, p. 176-177), “antes do que memória, ela desempenha nossa experiência passada, mas não evoca sua imagem”. Com isso, o objetivo de uma evocação histórica da memória é essa articulação com a duração temporal e que é auferida por um processo indiciário<sup>4</sup>.

Para estabelecer as divisões do tempo, é melhor nos guiarmos pelas mudanças e movimentos que ocorrem nos corpos materiais e se reproduzem de modo bastante regular, permitindo nos reportarmos sempre a eles. (HALBWACHS, 2006, p. 117).

A rigor, a memória reportada nos anseios da história baliza uma intenção categorizada de representar criticamente o passado, ou seja, a veracidade e apropriação que a história fez da memória para legitimar seus ofícios e suas operações historicizantes a um nível reconstrutivo de uma coisa passada e determinada por certo grau de intencionalidade dogmática. Segundo Dosse (2001, p. 18), “o historiador então não tem dúvida alguma quanto à sua função central, ele permite finalizar sua narrativa e legitimar o presente por meio do passado”. Logo, a memória característica da atividade do historiador tem uma identificação com o passado.

Essas divisões do tempo correspondem às durações individuais e coletivas que estão

circunscritas nesse processo evocativo e marcado por uma historicidade, que segundo Ricouer (2007, p. 147), “na medida em que, privado de ordem cronológica de sucessão, ele sublinha a progressão da operação relativa à manifestação da intenção historiadora de reconstrução verdadeira do passado”. Sendo assim, a memória que interessa ao historiador está metaforicamente ligada a uma ação objetivada pelo passado e que é clarificada por uma referência temporal de narrativas e regularidades que se cruzam em seus “ofícios” canônicos (avaliativos), consistindo em uma inteligência significativa de acontecimentos.

Se, como afirma Walter Benjamin, fazer a História é dar sua fisionomia às datas, podemos dizer que uma história de vida consiste em dar uma fisionomia aos acontecimentos considerados pelo indivíduo como significativos do ponto de vista de sua identidade. Quando opera a memória, o acontecimento rememorado está sempre em relação estreita com o presente do narrador, quer dizer, com o tempo de instância da palavra, **enquanto na enunciação histórica é o acontecimento que constitui o marco temporal pelo sujeito da enunciação, quer dizer, o historiador.** (CANDAU, 2011, p. 101, grifo nosso).

Com efeito, observamos que a memória debruçada pelo historiador vem revitalizar os eventos do passado e transformá-lo em uma dialética interpretativa e avaliativa das ações do futuro. A memória histórica traz a epopeia circunstancial do acontecimento permeada pelo tempo e espaço, pois para dar ao tempo da “história um contraponto de uma ciência humana, é preciso elevar-se em um grau acima na escala de racionalização do lugar”. (RICOUER, 2007, p. 160).

Considerando esse ponto de vista abordado pelo autor, podemos compreender que a memória histórica desenrola seu olhar para as diversas interpelações dos eventos cronologicamente clarificados. Mas, por outro lado, o historiador direcionará sua perspicácia de memória quando relacionada aos impulsos do passado. A memória histórica retorna ao passado através dos sinais deixados pelas atividades humanas em uma ordenação temporal.

A cronologia, mais próxima da intenção historiadora, sabe ordenar os aconteci-

<sup>4</sup> Para Carlo Ginzburg (1990), o paradigma indiciário estabelece um laço aproximativo, entre o investigador nas buscas de evidências, sinais, com seu objeto em um viés emotivo de relação e força.

mentos em função de uma série de datas e de nomes e ordenar a sequência das eras de suas subdivisões; mas ela ignora a separação entre a natureza e a história; ela permite que se fale de história cósmica, de história da terra, de história da vida; a história humana é apenas um de seus segmentos. **A história que se pode fazer dessas grandes representações equivale a uma “história da história”, da qual, talvez, os historiadores profissionais jamais consigam libertar-se, a partir do momento em que se trata de atribuir uma significação aos fatos:** continuidade/descontinuidade, ciclo/linearidade, distinção em períodos ou eras. (RICOUER, 2007, p. 165, grifo nosso).

Ricouer chama atenção para essa significação entre a memória e sua relação com a História, uma vez que o historiador despoja sua ação para as substâncias cronológicas/ espaço principalmente quando interligadas com o passado. Sendo assim, para Dosse (2001, p. 26), “a nova tarefa do historiador já não consistirá em ressaltar as acelerações e mutações da história, mas sim os agentes de reprodução que permitem a repetição idêntica dos equilíbrios existentes”. Notamos, então, que o historiador quando impregnado pela ação do memorável se limitará a descrever as comoções e transformações expurgadas pelo estilhaçamento do tempo.

Além do mais, é na representação desse passado que a memória histórica evidenciará sua intencionalidade, seus estoques avaliativos das reminiscências de outrora visto que “passado é por essência o que não atua mais, e que ao se desconhecer esse caráter do passado se é incapaz de distingui-lo realmente do presente, ou seja, do atuante”. (BERGSON, 1999, p. 72).

Dessa maneira, a História tem por característica essa relação com o passado e produz uma organicidade cronológica muito peculiar, pois a enunciação histórica da memória vem refletir a heterogeneidade de histórias do mundo vivido dos sujeitos. Segundo Candau (2011, p. 66), “o apelo ao passado é um constante desafio lançado ao futuro, consistindo em ponderar hoje sobre o que foi e o que poderia ter sido feito”. De todo modo, a acuidade do tempo histórico se deve a uma busca total das representações das afasias do passado.

O historiador encontra-se assim confrontado com o que parece primeiramente lamentável ambiguidade do ter-

mo “representação” que, conforme os contextos, designa, enquanto herdeira rebelde da ideia de mentalidade, a representação-objeto do discurso historiador, e, enquanto fase da operação historiográfica, a representação-operação. (RICOUER, 2007, p. 240).

Dessa forma, o historiador confronta-se com esse desenrolar estrutural da própria memória histórica, estratificando os indícios dos acontecimentos e atribuindo sentido as representâncias<sup>5</sup> temporais. De modo semelhante, o saber histórico e a atividade da memória que interessam ao historiador têm sua abordagem na pluralização de epifenômenos marcados pela rechaça de um passado evocativo. Segundo Halbwachs (2006, p. 86), “a história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo”. Para o autor, a História evoca um “cemitério tradicional do passado” e seria nessa temporalidade que a memória histórica aflora e mergulha.

Pontua Dosse (2001, p. 92) que “o historiador interroga-se então sobre as diversas modalidades de fabricação e percepção do acontecimento a partir de sua trama textual”. Sendo assim, ao balizarem a relação com a memória histórica, os historiadores fazem uma visita ao passado e se esforça etnometodologicamente para fazer uma reflexão interpretativa do fator memorável característico das ciências do espírito<sup>6</sup>.

Nesse sentido, o entrelaçamento da atividade da memória histórica faz refletir essa relação com o tempo, onde a leitura do acontecimento do *habitus* da memória se consome na fixidez dessa evocação histórica e que possibilita uma trama enaltecida pela cristalização e dimensão que o tempo assume no cotidiano investigativo dos historiadores. Segundo Dosse (2001, p. 102), “o historiador deve assumir como objeto final de seu trabalho essa reunião e correlação dos fragmentos dispersos, para restabelecer a complexidade da realidade e evitar, assim, qualquer forma de mecanismo causal”. De todo modo, a memória carac-

5 Para Ricouer (2007, p. 289), “a palavra representância condensa em si todas as expectativas, todas as exigências e todas as aporias ligadas ao que também é chamado de intenção ou intencionalidade historiadora: designa a expectativa ligada ao acontecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso do passado dos acontecimentos.

6 Podemos definir, na contemporaneidade, como sendo as Ciências humanas e sociais.

terística dos historiadores se vincula ao modo narrativo e interpretativo da avaliação historiográfica.

A história enquanto prática liga-se a instituições que criaram os seus rituais de auto-organização (hierarquias, recrutamentos, regulamentos...) e os seus rituais de produção e reprodução do saber. O historiador não nasce feito: ele é fabricado, moldado, esculpido, plasmado por inúmeras coerções e prêmios, presenças e reconhecimentos, fracassos e sucessos. (REIS, 2006, p. 170).

Por conseguinte, a memória que evoca da ação intencional dos historiadores vem acompanhada dessa interligação com o passado. No entanto, na Ciência da Informação a memória parece não ter por finalidade essa “reconstrução” avaliativa da intempérie circunstancial do tempo. O que vai interessar ao cientista da informação no campo memorável são as “informações potenciais” (1970) produzidas nos traços das atividades lembradas, na medida em que o cientista da informação não pode se curvar a uma evocação temporal da memória em sua totalidade existencial da História e trazer para seu universo essa única possibilidade como um fator imutável ou historicizante. Logo, podemos apontar que o conceito de memória para a Ciência da Informação poderá ser despojado dessa relação com a memória histórica de interesse peculiar dos historiadores e pensar a possibilidade axiomática de um conceito de memória para a Ciência da Informação.

### 3 CONSTRUÇÃO AXIOMÁTICA DE UM CONCEITO DE MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Como observamos no item anterior, a memória peculiar dos historiadores tem uma ligação direta com as temporalidades. Todavia, a construção de um conceito de memória da Ciência da Informação terá sua possibilidade através da ruptura com essa atividade avaliativa da memória histórica.

Em seu escopo, a Ciência da Informação emerge enquanto campo do conhecimento por sua característica com *traços informacionais*, ou seja, ela é o campo do saber que contorna, modela e representa um sentido peculiar ao processo informacional. O objeto da Ciência da Informação, pois, não é meramente a polissemia conceitual

do termo informação, mas é a *informação potencial* como ressalta Zeman (1970). Ao potencializarmos a informação nas áreas que compõem o campo como a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, refletimos epistemologicamente um estofo de objetividade conceitual. Por outro lado, a História enquanto campo científico terá sua ênfase na interpretação e avaliação dos diferentes contextos da humanidade. Sendo assim, a Ciência da Informação tem por definição:

[...] disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processamento para otimizar sua acessibilidade e utilização. **Relaciona-se com o corpo de conhecimentos relativo à produção, coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação.** (BORKO, 1968, p. 3, grifo nosso).

Desse modo, notamos que a História é diferente da Ciência da Informação em diferentes fatores conceituais e teórico-metodológicos. Nesse sentido, a intencionalidade da memória histórica não pode ser tomada por empréstimo pelos cientistas da informação. Logo, a Ciência da Informação tem por característica solucionar o caos relacionado ao processo de recuperação da informação, principalmente a partir do crescimento exponencial da informação na sociedade contemporânea.

Há uma ciência que se denomina de informação, e isto se dá não por outro motivo que não seja a participação de todos os organismos ou sistemas em sua atividade de transformar dados em informações: o sistema de informação é um conglomerado de pessoas, máquinas e procedimentos que ampliam o **potencial humano** para adquirir e processar dados. **A ciência da informação atende ao conhecimento da informação e sua circulação...** [...] **a documentação-ciência da informação tem como função oferecer, regular e encaminhar todo tipo de recursos informacionais, para que os submeta a um processo de armazenamento, identificação, transformação, organização, tratamento e recuperação.** O anterior possibilita que se alcancem mudanças no estado do conhecimento que possuem as pessoas, o que, por sua vez,

tem por consequência a solução de problemas informativos e a tomada de decisões. (MOREIRO GONZALEZ, 1998, p. 25-26, grifo nosso).

Destarte, a memória específica da Ciência da Informação não irá manter uma relação dogmática com a temporalidade do passado. Os traços do passado, para o cientista da informação, são potencializados e afloram na representação da informação, pois o cientista da informação não tem por função “reconstituir” e avaliar os eventos ocorridos na sociedade com um olhar autofundamentado e exegético do historiador. Sendo assim, compreendemos que a memória na Ciência da Informação não é esquecida, pois ela não pode ser lembrada por não ser potencial e representada para uma otimização e eficácia no processo de recuperação da informação. Com isso, o que irá legitimar a ação do ato memorável na Ciência da Informação são as flexibilidades das representações ancoradas em *informações-potenciais-organizadas* características dos arquivos, bibliotecas e museus.

No contexto da Ciência da Informação, ao legitimarmos os objetos patrimoniais em representações informacionais, não buscamos reconstituir “a beleza do morto”, ou seja, das informações “inorganizadas” conforme aponta Zeman (1970) sem finalidade. Mas, auferimos elementos inform-comunicativos que ressignificam traços memorialísticos de forma individualizada ou coletiva, ou seja, a revitalização de uma “informação rememorada” registrada, testemunhada e informativa.

No universo epistemológico da Ciência da Informação surge uma evocação para um conceito de memória específico da área, porém a aporia axiomática encontra barreira nessa tentativa de interligar a memória característica da História com a da Ciência da Informação. A memória na Ciência da Informação não terá essa marca de autorreflexão e nem a obrigatoriedade de autofundamentar o passado, porque a memória da Ciência da informação é potencializada e produz uma conotação representativa dos estoques de informação.

Desse modo, a Ciência da Informação não tem por função precípua fazer uma reconstituição do passado histórico interpretativo, exegético e memorial, mas buscará compreender a natureza dos registros a partir das informações potenciais, na medida em que obtiver uma padronização organizada e que se estenda à sociedade. Sendo

assim, a memória na Ciência da Informação é potencialmente produzida, uma vez que o objeto da Ciência da Informação é a *informação potencial*. No entanto, essa informação só terá eficácia quando estiver permeada por uma organicidade e que se reflete no processo de organização, acesso e uso da informação.

A informação é, pois, a qualidade da realidade material de ser organizada (o que representa, igualmente, a qualidade de conservar este estado organizado) e sua capacidade de organizar, de classificar em sistema, de criar (o que constitui igualmente sua capacidade de desenvolver organização). **Sem organização, sem conservação e crescimento da organização, a matéria não poderia de forma alguma existir, assim como não existe sem o espaço, o tempo e o movimento.** (ZEMAN, 1970, p. 157, grifo nosso).

A memória potencial produzida da Ciência da Informação não estará interessada nas representações temporais do passado em seu sentido historiográfico de ofício do historiador. Essa memória vem metaforicamente compreender uma concepção de memória registrada, potencialmente construída pelos sujeitos de forma individual ou coletiva através dos traços e rastros das informações rememoradas nos contornos da representação da informação. Ela buscará fundir-se à organização da informação a partir da recuperação da informação.

**A reenergização da informação depositada representa a transformação de uma informação (“morta”) em uma informação atual (“viva”).** É assim que em um livro está contida a informação potencial que é atualizada pelo leitor. Na **memória** encontra-se a **informação potencial** que é atualizada. Parece que a informação atual, desde que não seja de caráter puramente mecânico, pode significar em determinado contexto algo relativamente novo. (ZEMAN, 1970, p. 160, grifo nosso).

Reafirmamos, então, que a memória da Ciência da Informação se traduz em uma potencialidade organizadora refletida pela fixidez da *informação potencial* e que é característica das

disciplinas que compõem o campo como a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia. Então, a memória potencial produzida se afasta da intencionalidade da evocação histórica, na medida em que o cientista da informação se torna um potencializador informacional; já o historiador é um exegético temporal. O lance que a memória potencial produzida estabelecerá com o passado acontecerá a partir da densidade da informação em um canal de comunicação, em um viés de organicidade e representatividade da informação visto que “a memória de qualquer espécie baseia-se na limitação de elementos de redundância, isto é, ela conserva apenas o essencial, os traços gerais”. (ZEMAN 1970, p. 161).

Com efeito, a memória potencial produzida não vai rememorar o passado histórico, mas revitalizará o conteúdo em um canal *infor-comunicativo* porque, para Candau (2011, p. 63), “a memória organiza os traços do passado em função do presente e logo demandas do futuro”. Sendo assim, através dessa potencialidade da memória produzida na Ciência da Informação ocorrerá uma consciência social que beneficiará os sujeitos na sociedade. Segundo Zeman (1970, 167), “o imenso desenvolvimento das forças de produção e do conhecimento humano oferece a possibilidade de atingir um elemento grau de organização social”. De todo modo, a memória potencial produzida da Ciência da Informação contribuirá para uma ordenação dos estoques informacionais.

**A matéria inorganizada; era o caos, o nada. O ser não é possível sem ordem.** A ordem aumenta, a matéria se desenvolve, pois ela tem a propriedade de conservar a organização, a faculdade da reverberação, a faculdade mnemônica, Por quê? Porque existem o movimento, a evolução, a matéria, o homem. (ZEMAN, 1970, p. 172, grifo nosso).

Observamos que Zeman (1970) chama atenção para essa organicidade da matéria que é muito peculiar na Ciência da Informação possibilitando gerar um produtivo processo de recuperação da informação. Por isso, que a memória na Ciência da Informação não é meramente exteriorizada e passivamente histórica, mas ela é produzida, potencializada em uma organização mnemônica, do eu para o outro, e do outro para o todo na medida em que estiver em uma ordem possível. Nesse sentido, a memória potencial pro-

duzida não poderá ser canalizada por uma narrativa (escrita) da história, porém a memória da Ciência da Informação equacionará uma relação com as fronteiras da informação.

Por conseguinte, ilustramos a fluidez da memória potencial produzida para a Ciência da Informação, na medida em que essa memória estará interligada aos preceitos do campo como a organização, acesso, uso, tratamento, transferência e utilização, tudo isso a partir da organização da informação e que se transformará em potencialidades informacionais.

Figura 1 - Memória potencial produzida na Ciência da Informação



Fonte: Construção dos autores com a utilização do software *Cmaptools*

Por conseguinte, diante da análise da figura 1, evidenciamos a evocação de um conceito de memória para a Ciência da Informação e que está impregnado e articulado com seus conceitos, como a organização, acesso e o uso da informação através de uma *memória-potencial-produzida* que será evidenciada nos atos da representação da informação através de uma organização informacional. Para recuperarmos, então, a informação é necessário representar e é a partir dessa representância que a memória potencial produzida pode ser evidenciada no campo da Ciência da Informação.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que faz a crise, na crise da memória, é a obliteração da vertente intuitiva da representação e a ameaça, que a ela se acrescenta, de perder o que se pode chamar de atestação do ocorrido, sem o que a memória seria indiscernível da ficção. (RICOUER, 2007, p. 402).

Nesse ensaio, clarificamos a possibilidade de um conceito de memória para a Ciência da Informação e principalmente apontamos que a memória que interessa aos cientistas da informação não é a mesma memória que interessa ao antropólogo, sociólogo e historiador.

A memória potencial produzida para a Ciência da Informação não busca uma inteligência retórica do passado histórico em sua totalidade. A memória contextualizada na Ciência da Informação manterá um laço com a temporalidade através dos registros e testemunhos das informações lembradas que foram produzidas pelo sujeito tanto individualmente quanto coletivamente em uma ordenação potencial em um tear social.

Sendo assim, a memória da Ciência da Informação desempenhará um papel primordial na sociedade contemporânea denominada de *informacional*, pois a memória potencial produzida, quando organizada, servirá ao sujeito em diferentes contextos e realidades, mantendo uma fixidez representativa e uma identificação com o próprio escopo e finalidade da Ciência da Informação que é a representação da informação para uma eficácia na otimização da recuperação da informação.

Consequentemente, podemos caminhar para um conceito de memória na ciência da informação. Por isso, evitemos tomar por empréstimo o conceito da memória histórica da representância do historiador. Então, a memória potencial produzida trará para a sociedade um novo enfoque de memória, principalmente em uma sociedade onde o fluxo de construção informacional cresce exponencialmente. Contudo, há uma diferenciação no que diz respeito à memória dos historiadores de uma memória potencial produzida, pois a Ciência da Informação em sendo uma ciência social se reflete nos traços das informações edificadas pelos sujeitos na sociedade *infor-comunicativa*.

### **INFOR-COMMUNICATIVE MNEMOSYNE:**

#### ***axiomatic possibility of construction of a memory concept for information science***

**ABSTRACT** *The present article intends to contextualize the concept of memory in the universe of information science, since this conceptual polysemy is marked by changes that pervade the trenches of society. Thus, we aimed to point out axiomatically a specific memory concept for Information Science. Through a theoretical and bibliographical investigation, we tried to clarify the possibility of an axiom between the lines of contemporary Information Science. Therefore, the memory in Information Science can be dissociated from an interconnection with the evocation of historical memory (space and time), because the memory of Information Science is revitalized by informational traces via a potentially produced memory that is mnemonically structured in the contours of society through the bifurcation with organization, access and use of information and later in the process of information representation and retrieval.*

**Keywords:** *Axiom. Concept. Information Science. Potentially Produced Memory.*

---

Artigo recebido em 23/12/2013 e aceito para publicação em 08/03/2014

---

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 1992.
- AQUINO, M. de A. (org.). **O campo da Ciência da Informação: Gênese, conexões e especificidades**. 2. Ed. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2011.
- ARISTOTÉLES, P. In Aristóteles, Horácio, Longino. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix. 1997.
- BLOCH, M. **Apologia da história ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.1983.
- BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, Chicago, v.19, n.1, p.3-5, jan. 1968.
- BRONOWSKI, J. **As origens do conhecimento e da imaginação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1997.
- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CASSIRER, E. **Antropologia filosófica**. Tradução de Vicente Félix Queiroz. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**. V1 Artes de Fazer Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. *Estud. av.* [online]. v.5, n.11, p. 173-191. 1991.
- DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 101-07, 1978.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e Filosofia**. Portugal: Brochura, 2001.
- DIEHL, A. A. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru: EDUSC, 2002.
- DODEBEI, V. L. D. L. de M. Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANCIB, 2010.
- DOSSE, F. **A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: editora UNESP, 2001.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Centauro: 2006.
- MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. **Introducción al estudio de La información y la documentación**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia. (Colección Medios y Mensajes), 1998.
- OLIVEIRA, E. B. de; RODRIGUES, G. M. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP/ANCIB, 2008.
- POLLAK, M. "Memória, esquecimento, silêncio". **Estudos Históricos**. v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989, p. 3- 15.
- REIS, J. C. **História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- RICOUER, P. **Memória, história, esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.
- SORAGENTINI, H. "Reflexión sobre La memoria y autorreflexión de la historia". **Revista Brasileira de História**. Volume 23, ano 45, São Paulo, Julho de 2003.
- ZEMAN, J. O Significado Filosófico da Noção de Informação. In: **O Conceito de Informação na Ciência Contemporânea: colóquios filosóficos internacionais de Royauumont**. Rio de Janeiro: Paz & Terra. p. 154-179, 1970.